

Artesanato faz sucesso em Rosa da Penha

FOTOS: ANTONIO MOREIRA/AT

Além de caixas, são fabricados porta-retratos e porta-joias. As peças custam de R\$ 0,70 a R\$ 13



A história do casal Ademir Edson Santos, 38 anos, e Kely Cristina Costa Corrêa Santos, 33, não foi fácil, mas com determinação eles superaram as dificuldades e fazem sucesso com as caixas em madeira MDF no bairro Rosa da Penha, Cariacica.

Eles vendem caixas em tamanhos variados, porta-retratos, porta-joias e qualquer peça sob encomenda para artesãos que trabalham com caixas em diversas técnicas e para lojas que vendem matérias-primas para artesanato.

Depois de cair da laje de sua casa, há sete anos, o marceneiro Ademir perdeu grande parte da visão e teve que parar o serviço na fábrica de móveis que mantinha no quintal de casa.

"Passei dois anos parado sem poder trabalhar. Depois, descobri no artesanato uma chance de voltar a fazer algo para ajudar na renda da família", disse.

Há cinco anos, ele e a mulher resolveram trabalhar com artesanato e fazem tudo sozinhos no quintal da casa.

Lá, o marceneiro disse que chegam a produzir cerca de 500 peças por semana, mas esse número pode chegar até a 1 mil, caso haja pedidos.



Ademir e Kely contam que cerca de 500 peças de madeira são produzidas por semana

URNA

Os moradores de Rosa da Penha, Cariacica, podem depositar por escrito as reivindicações de melhorias sobre o bairro e sugestões de reportagens na urna do projeto **A Tribuna com Você**. Ela está na Padaria Ômega, que fica na avenida Santos Rangel, próximo à Drogeria Ativa.

Segundo Kely, os valores das peças produzidas são bem em conta e elas podem ser compradas na própria casa.

"As caixas variam de R\$ 0,70 até R\$ 13, que são as maiores. Temos porta-joias com divisórias e as peças sob encomenda. O valor depende do tamanho", ressaltou.

Kely faz a parte de medição das peças e ajuda no acabamento, lixando caixa por caixa. Ela ainda transforma as peças cruas em artesanato, com técnicas como decoupage, biscuit e pintura.

HISTÓRIA DO BAIRRO

- Em 1966, a partir de dois sítios, surgiu o loteamento Rosa da Penha.
- A maior parte das terras pertencia a Maria Rosa da Penha, que decidiu vender o sítio da família. As ruas foram abertas e os terrenos divididos.
- Outro sítio, da família Venturini, foi dividido entre 15 filhos e alguns foram

vendendo os terrenos com o tempo. Anos depois, uma área de mata próxima aos terrenos foi invadida. Para conter os conflitos, a prefeitura remanejou as famílias para Itanhenga, que passou a se chamar Nova Rosa da Penha.

Fonte: Moradores de Rosa da Penha.

"Recebo encomendas de lembranças de casamento, de nascimento de bebês, de aniversários e de produtos prontos para presentes. Trabalho também com pintura de telhas", explicou.

Já Ademir fica com a parte de cortar, montar e colar as peças e confessa que é perfeccionista.

Mesmo sem enxergar quase nada, tudo acaba passando pelo controle rigoroso de qualidade de Ademir, que sente com precisão se tem algum defeito na peça e se recusa a vender qualquer

caixa com problemas.

Para ele, a qualidade do serviço é o que faz com que as pessoas voltem a comprar. "Sei até quando uma medida não está muito certa. Gosto de fazer um trabalho bem feito e faço peças em qualquer tamanho que for encomendado", disse.

Apesar da experiência com marcenaria, Kely confessa que fica apreensiva com o marido no corte das peças, já que ela não enxerga. Mas Ademir garante que dá conta do serviço e que não tem medo.

RECORDAÇÕES

CAJUEIROS - O comerciante Eduardo Rangel Vieira, 24, nasceu no bairro Rosa da Penha.

Segundo ele, a região era uma fazenda pertencente a sua avó, Maria Rosa da Penha, que na década de 60 vendeu o terreno e deu origem ao loteamento.

"Lembro que a região não tinha asfalto ainda e as pessoas usavam lamparinas em casa", disse.

Eduardo contou que o bairro tinha muitos cajueiros que ficaram da fazenda. "Por aqui apareciam também muitos tatus e gambás".

Para pegar água, ele contou que os



moradores tinham que ir a uma nascente no bairro.

"Hoje, o córrego que a nascente formava não existe mais. Virou um valão".

LAMA - O aposentado Vanderly Matos Correa, 64, chegou à região há 37 anos, quando o bairro ainda estava começando.

"Quando casei, minha esposa já morava aqui. A mãe dela foi uma das primeiras pessoas a comprar um terreno no loteamento".

O aposentado contou que, na época, as moradias eram barracos de tábuas e as ruas eram cheias de buracos.

"Quando chovia, as ruas ficavam cheias de lama e formavam-se grandes valas. Era uma dificuldade", comentou.



Segundo Vanderly, para fazer compras, os moradores iam à Mercadoria do Jair, ou tinham que ir a Campo Grande a pé.